

À Biblioteca Pública de

# TEMPO NA LIVRE

9  
MARÇO  
1963

## SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOJA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

### OS MALEFÍCIOS

#### do alcoolismo no mundo

Realizou-se, em Istambul, o 25.º Congresso Internacional contra o alcoolismo. Nele tomaram parte 35 nações, representadas por mais de 250 delegadas. Foi uma bela jornada de bem-fazer.

Mais uma vez se passaram em revista os trágicos aspectos do terrível flagelo mundial que o alcoolismo constitui e de tal maneira os seus efeitos se multiplicam com o desenrolar do progresso e da civilização que decidiu criar o Conselho Internacional Cristão Anti-Alcoólico, de modo a tornar possível uma luta mais eficaz contra uma peste que faz mais vítimas do que todas as doenças reunidas e que é até mais feroz que a própria guerra.

Na verdade, o álcool tortura, dilacera, disforma e mira não só o corpo e alma do vicioso, mas a sua má acção vai muito mais longe, pois corrompe o filho, o neto e até o bisneto. As principais vítimas do alcoólico são, principalmente, os seus descendentes. É por isso que o alcoólico é não só o inimigo de si próprio, mas até um verdadeiro perigo social, pois desfalca a sociedade nos seus mais caros valores — a infância.

Poderia tolerar-se, talvez,

que um indivíduo se afundasse no inferno sem fim da loucura ou do desabar vertical da saúde ou da dignidade, viciando-se com o álcool, mas a sociedade tem o dever de reagir, pelo menos para localizar o mal, visto que dessa tolerância podem resultar graves perigos que vão ferir não já o vicioso, mas, como já se disse, as gerações do futuro.

Mas, na verdade, até o vicioso necessita de amparo fraterno da sociedade — do conselho médico, do esclarecimento do higienista e da acção paciente do amigo do Bem e da Saúde Pública — pois não há dúvida que o álcool (abuso do vinho, aguardentes, licores, e, de um modo geral, de todas as bebidas fermentadas) é o mais curto caminho que conduz à doença, à morte prematura e à prisão, transformando tantas vezes um homem que fôra bom e justo num vulgar delinquente ou num factor de desgraças íntimas ou de malefícios sociais.

Saudemos, pois, o Conselho Internacional Cristão Anti-Alcoólico e façamos sinceros votos para que da sua acção resulte mais saúde, mais paz e mais amor para a Humanidade.

### ESTRADA DE VASCONCELOS

Na sua última reunião do passado dia 7 deliberou a Câmara Municipal de Amares pôr a concurso a obra em epígrafe, uma das mais necessárias do plano rural camarário e que além de ir servir dois povos que estavam sem comunicações com os centros das freguesias, é uma via de muito futuro pois encurta a distância entre a Ponte do Porto em 2,5 quilómetros e vai servir um dos monumentos mais importantes do concelho — as ruínas dos Vasconcelos e a capela de Santa Luzia, de tanta devoção.

Esta obra tem ainda a grande virtude de dar grande expansão a esta parte da Vila, tão necessitada de terrenos para construção.

Por sabermos haver divergência de opinião sobre a

trajectória de um pequeno troço de 120 metros, na parte em que ela liga com esta Vila, apelamos para o Ex.º Sr. Presidente e Câmara, no sentido de manter o traçado constante do projecto, pois a ligação à rotunda da Avenida Sá de Miranda, dá a esta Vila um arranjo urbanístico da maior importância para a futura expansão desta terra progressiva.

Por sabermos do propósito do Senhor Presidente da Câmara de não deixar esmorecer o ritmo das realizações camarárias, lançamos este apelo para salvaguardar a continuação e a sequência de outras obras que esta ligação proporciona e que o alargamento da terra e o seu ritmo de construções impõe.

### 1.º Curso de Monitores de Segurança POR CORRESPONDÊNCIA

O Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais anuncia a realização do 1.º Curso de Monitores de Segurança por Correspondência.

Este Curso, aberto a todas as pessoas que pelo assunto se interessem, pode ser frequentado por qualquer, seja qual for a sua residência em Portugal, incluindo a Metrópole, as Ilhas e as Províncias Ultramarinas.

Todas as despesas com o envio das lições para os alunos correm por conta do Centro de Prevenção.

As inscrições deverão ser dirigidas, até ao dia 15 de Março p. f., para o:

Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais  
Largo do Andáruz, n.º 15—5.º  
D.º Porta 1 Lisboa

### ENCONTRO EM AMARES

Continuação do número anterior

Por outro lado, parece-nos escândalo grave que a verdadeira face do cristianismo esteja de tal modo oculta pela linguagem e pela vida de muitos de nós cristãos que não seja capaz de tocar directamente o que de mais generoso existe em tantos e tantos jovens. Parece-nos inaceitável que o cristianismo não se revele muitas vezes na sua verdadeira essência como um fermento e uma exigência capaz de impulsionar constantemente para a edificação de homens novos e novos mundos, capaz de constituir um verdadeiro ideal para a Juventude do nosso tempo.

Este movimento de Juventude que agora surge por todo o país é em primeiro lugar um convite a todos os jovens católicos para que assumam mais perfeitamente a escolha de Deus que deve estar no centro das suas vidas e a assumam em todas as suas dimensões. Para que tomem consciência, mais perfeita do mundo em que vivem e da sua condição de actuais e futuros responsáveis pela construção de um mundo melhor, em si mesmos e nas estruturas da sociedade em que vivem. Para que expressem em todos os domínios da sua vida atitudes coerentes com a escolha feita — na vida pessoal, na família, na profissão, nos di-

versos grupos de que fazem parte.

A iniciativa do movimento partiu de um grupo de Dirigentes da Acção Católica Juvenil. Nele foram convidados a participar todos os Organismos Juvenis Católicos de que se conhece a existência no plano nacional. E o convite estende-se ainda a todos os jovens que, individualmente quei-

(Continua na 4.ª página)

### QUANTO MAL

#### AS BOMBAS TÊM FEITO!

Não se soube porque graça, mas tornou-se uso no nosso meio festejar a passagem de ano com o rebanhar de bombas. Durante muitos dias assiste-se a este triste espectáculo que tantos receios gera. Não se compreende mesmo que enquanto por toda a parte este uso acabou, aqui o espectáculo bárbaro e louco prolonga-se por todos os sítios perante as queixas das pessoas de sossego e juízo.

Infelizmente este ano não fugiu à regra, mas também infelizmente se confirmou o uso de ficar mais um homem inutilizado, com um dos órgãos vitais esfacelado, dependendo da caridade do público.

Se fôssemos a indicar os nomes das pessoas que ficaram total ou parcialmente cegas, que perderam total ou parcialmente uma das mãos, a relação seria longa só no que refere a esta pequena terra!

Pois apesar disto, que representa um tamanho prejuízo para a sociedade, ainda se faz como a coisa mais legal a mais útil deste mundo.

O uso tornou-se de tal maneira sem cerimónia que durante dias os rebentamentos fazem-se com bombas de produção caseira mas de enorme potência que se houveram a quilómetros de distância.

Quando haverá juízo e respeito pelos outros?

### CRÓNICA DA SEMANA

#### Entre uma anedota

#### e uma palavra

Um comentador da Televisão, a quem algumas pessoas censuravam pelo facto de não principiar as suas *charlas* com as palavras «boa noite», depois de explicar que se considerava desobrigado de cumprimentar, uma vez que o tinha feito, com um sorriso sempre simpático, a locutora que abria o programa, contou uma anedota. Ocorrerá-lhe a propósito da insistência e ouvira-a atribuída ao dr. Ramada Curto:

Havia em certa rua um sapateiro corcunda com quem o rapazio se habituara a contender. Passava um e dizia:

— Ó marreco!

Passava outro e gritava: — Ó marreco!

Vinha um terceiro e a mesma coisa.

Isto todos os dias e durante anos. Cresciam os rapazes, tomavam mais tento, e não troçavam do sapateiro; mas já uma nova geração de garotos de rua tomava o lugar da primeira.

O aleijadinho enfurecia-se, claro, com a chacota dos rapazes. Às vezes corria atrás deles; mas os garotos eram lestos. Um dia em que estava mais aborrecido, demasiado, perdeu a cabeça e atirou-lhe a primeira coisa que encontrou à mão — e essa coisa foi o tirapé. Como sabem o tirapé é a correia com que os sapateiros seguram o material que trabalham à pedra, ou à forma, que têm sobre os joelhos. Uma correia arremessada sobre alguém, normalmente, não faz grande molha. Mas o corcunda era infeliz: a correia atingiu o garoto nos pés, e de tal forma que ele tropeçou e caiu, bateu com a cabeça numa pedra e morreu.

O sapateiro, preso como homicida, escolheu para advogado de defesa o dr. Ramada Curto.

(Continua na 5.ª página)



# TRIBUNA FEMININA

## A MULHER PERANTE A VIDA

Por SUZANA OTT

Tempos houve em que o mancebo que aspirava a mão de donzela de nível social superior ao seu, era castigado com a morte. Hoje já tal não sucede, naturalmente, mas há ainda, apesar de todas as ideias modernas que regem a nossa vida, uma certa relutância (sobretudo da parte dos Pais de filhos ou filhas casadoiras) em aceitar e consentir as chamadas «uniões desiguais». A mocidade, sempre generosa, mas inexperiente e cega, quando se trata de amor julga que ele tudo resolve, que a presença da pessoa amada tudo fará esquecer. E algum exemplo conhecido mais a fortalece na sua opinião. Os pais, porém, mais avisados, sabem que esse exemplo deles também não ignorado, não é senão a exceção que confirma a regra. E esta é que, se o candidato a marido (ou a esposa) não paga com a vida a «ousadia» de querer para consorte pessoa de meio mais diferente, o primeiro modo superior: a felicidade de ambos os conjuges, dos filhos dos pais até...

No entanto, tais casamentos são, até, relativamente frequentes: é o filho do sapateiro que casa com uma jovem professora, o filho da padeira que escolhe para mulher a filha de um médico, a filha de um advogado que casa com um pequeno empregado de escritório, cujo pai é operário.

Tais exemplos honram o nosso tempo, a liberdade de

ideias a igualdade do homem perante Deus e a Lei. Mas qual o aspecto particular de de cada um desses casos? Des-tes três exemplos meus conhecidos que citei, o primeiro deu um casal feliz; o segundo uma família absolutamente normal, em que ambos se zangam e fazem as pazes com a mesma facilidade que quaisquer outros; o terceiro resolveu num fracasso absoluto—já previsto pela família da noiva, que, hoje, mulher casada, depois de cada questão corre banhada em lágrimas, para casa da mãe, a fazer queixas do marido «impossível»—por ela livremente escolhido, contra a vontade de toda a família.

Três casos aparentemente semelhantes e nos quais, por acaso, a noiva era sempre de posição social superior à do noivo. Três histórias de amor, das quais apenas uma se realizou como os seus protagonistas desejavam. Porquê?

A mulher tem mais facilidade de adaptação que o homem e, por isso raramente se fala nos casamentos em que uma ex-costureirinha quase analfabeta casa com um arquiteto ou uma antiga criada se torna esposa de abastado comerciante ou proprietário. Com a sua intuição ela vê o que dela se espera, vai-se polindo, copiando, adaptando—e, se é inteligente e tem um marido compreensivo, que a ajuda e acompanha os seus esforços, um dia ninguém mais nota a mínima diferença e

poucos acreditariam que tão encantadora senhora tenha sido uma simples costureira ou criadinha de servir.

O mesmo, porém, se não dá com o homem. A sua profissão, regra geral, continua a mesma (a não ser que o sogro o chame para o seu lado e o vá iniciando nos segredos da própria profissão, se tal for possível—o que, no entanto, é uma amarga pílula para o amor próprio do candidato a marido, que reconhece não ser suficientemente bom para a almejada dama dos seus sonhos) os seus amigos e familiares os mesmos são. Portanto é a mulher que tem de descer até ele, fazendo por se sentir bem no meio mais simples a que não está habituada. Tal, porém, não é fácil. Há choques inevitáveis, uma palavra puxa a outra, e aí estão frases que nunca mais serão esquecidas: «é o que acontece a quem casa com uma filha-família», suspirará ele. E ela, desolada, talvez retruque: «vé lá se ainda querias mais do que já fiz por ti! Deixei a boa vida que levava, os meus amigos, os divertimentos, só por tua causa—e os agradecimentos são estes! Ora ninguém, gosta que lhe seja apontado, com tais palavras, tudo o que se perdeu «só por causa dele».

Uma situação destas exige da mulher que ela seja inteligente possui muito tacto, seja conciliadora—e ame o mari-

Continua na 4.ª página

## PORQUE É

### que os homens são assim?

Por H. P.

O senhor «Fulano», não se pode dizer o nome até porque é muito conhecido; é um cavalheiro de muita «massa». Estupendíssima situação social e como todas as pessoas tem muita gente que diz muito mal dele e que lhe cita trinta mil defeitos e mais um...

Mas isto é vulgar... Por isto não vem mal ao sujeito.

Entre os seus conhecimentos havia uma senhora, que podia ser sua neta. Por aqui já vêm a diferença de idades...

Essa mulher de quando em vez tinha de tratar de certos assuntos com o cavalheiro que sempre a respeitou imenso e que fazia questão, ele e a esposa, de a incluir no rol das suas amizades.

Decorreram mais de doze anos, que deviam alicerçar uma amizade sólida, desinteressada.

Isto seria o normal, o razoável.

O pior é que ao cavalheiro subiram uns «macaquinhos» ao sótão, que em dada altura reconheceu nessa mulher, que podia ser «sua neta», uma sobremesa saborosa... e não teve mãos a medir. Cego

completamente enlouquecido vira-se para ela com um muito ridículo—tudo se que na idade ou pelo menos quando existe uma sentido comum—e diz-lhe:

—Não quero que trabalhe desta maneira, você não precisa de trabalhar assim, esfie-se e ninguém lhe agradece. Ouça-me, não faça pouco de mim e aceite o bem estar que lhe quero oferecer...

Ela sentiu um arrepiamento gelado, macabro, revolta e nojo, admiração e piedade. Vá se lá pensar que se conhecem as pessoas e ter confiança nelas?

Ela nunca pensaria que o senhor «Fulano» tivesse olhos para ela que não fossem uns olhos decentes, sem pensamentos maus, ou, pelo menos, se esses existissem que fossem bem camuflados para que não conhecesse a triste realidade humana do indivíduo.

E por toda a consideração que uma amizade de doze anos pode merecer ela reagiu dum forma calma e serena dizendo-lhe:

—Não vê que me ofende falando desse modo? Acham que vamos eu e a sua família cortar uma amizade de tantos anos só porque a si lhe deu uma cegueira sem fundamento? Podê-lo-ia tomar sério? Não, o meu amigo foi sempre um homem decente, estou certa que vai continuar a sê-lo.

Um «perdoe» muito envergonhado, muito enfraquecido soou na sala... ela fez de conta que nada tinha acontecido e continuou a falar dos assuntos em mãos.

Depois de virar costas, em plena estrada ladeada de arvoredos, um fim de tarde calmo e nostálgico, ela cortava os quilómetros numa velocidade moderada para que o impuro dos pinhais e a lealdade da Natureza lhe desanuviava sem o cérebro que abarrotava de maus juízos dos homens. A noite conversando consigo própria ela perguntava: «Porque é que os homens são assim?»

## Torta de amêndoa

### à milaneza

Amêndoa (miolo), 125 grs.; açúcar refinado, 200 grs.; manteiga sem sal, 100 grs.; farinha de batata, 100 grs.; claras de ovos, cinco; miolo de amêndoa pelado e falhado, uma mão cheia açúcar pilé para polvilhar, q. b.; massa para forrar a torreira, q. b.

Prepara-se massa para a torreira que se deve ter untado com manteiga. Misturam-se, numa tigela, a amêndoa bem pisada, o açúcar, a manteiga e a farinha de batata. Bate-se tudo quanto for possível; e, no fim, juntam-se-lhe as claras em castelo, mexendo muito bem. Entretanto, tem-se metido no forno a torreira para cozer a massa; tira-se, deita-se a massa de amêndoa que se bateu e, por cima, espalham-se umas amêndoas falhadas, embolhadas numa mão cheia de açúcar pilé. Mete-se a torreira outra vez no forno, para cozer o doce.

Calor moderado, para cozer devagar.

(Torteira medindo vinte e cinco centímetros de diâmetro e três de altura).

## Bordado

Um motivo adequado para um jogo à americana.



## TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Visado pela Censura



# TRIBUNA do CONCELHO

## Crise da Lavoura

Tem merecido a melhor atenção os artigos do «Correio do Minho» de autoria do rev. padre Manuel Gonçalves Diogo sobre a crise da lavoura e a forma de a resolver. Foi sempre conhecida como a arte de empobrecer alegremente essa arte de que nos não podemos divorciar porque os produtos da terra são indispensáveis e insubstituíveis.

Produzir e poupar é um conselho salutar e sempre actualizado para o lavrador, porque dentro da sua economia não há resistências possíveis para desmandos ou desequilíbrios. Se uma abundância provoca a crise de colocação a preços compensadores, o contrário provoca a ruína porque o lavrador não colhe senão para as necessidades próprias e às vezes, e muitas, nem isso acontece.

Devemos continuar a procurar produzir muito mas devemos ter a colocação garantida a preços equilibrados. Devemos ter também um apoio para as crises por falta de colheitas, e é nesse apoio que estará a acção vigilante e benéfica do Estado, auxiliando o lavrador com empréstimos de compensação a juro compatível com o rendimento da terra que nunca deveria ultrapassar os 2 1/2%.

Para estes empréstimos as caixas agrícolas existentes inquiririam da justificação do pedido para evitar abusos, ou retirados para fins diferentes e limitavam-se, a receber o pedido. Uma letra

assinada e mandaria averbar na conservatória do Registo Predial esse crédito para a propriedade que garante o empréstimo não poder ser alienada sem outorga da Caixa. A intervenção de fiadores, ainda em uso, é um encargo e uma falta de respeito ao valor hipotecado e um excedente burocrático bem digno de ser suprimido a bem da economia de tempo e gastos extraordinários.

Já temos uma Federação. O preço e colocação do milho está garantido. Uma adega cooperativa para garantia de preço, colocação e qualidade do vinho completaria o principal esteio para evitar a derrocada da felicidade do lavrador.

Terminamos, lembrando a todos os leitores-lavradores e até dirigentes responsáveis, que leiam com atenção o livro «Os Fidalgos da Casa Mourisca» de Júlio Diniz e que vejam, já naquele tempo, como foi possível levantar uma casa de lavoura arruinada. Por aí se vê que o mal é da falta de assistência financeira barata. O resto é, preços equilibrados e colocação garantida dos produtos produzidos.

Parece mesmo difícil de resolver o problema que está afligindo a Nação e asfixiando o ambiente de felicidade que merecem todos os que trabalham até agora confiados ao destino e esquecidos por aqueles que se não esquecem de nos obrigar a pagar os encargos que nos são exigidos para bem da Nação.

Elísio Gonçalves

## CARTA DE LAGO

\*\*\*\*\* Aos amigos de perto e de longe \*\*\*\*\*

Por aqui não tem andado a morte. A prova é contudente: em 1963 ainda não morreu ninguém. Perdão! Porcos morreram mais do que em anos anteriores...

### Azeite.. Óleo

Dizem que a mortandade nos porcos se deve à careza do azeite e à ganância dos toucinheiros. Estes desceram o preço da carne, a pagar ao produtor para cerca de 14\$00 para a venderem aos consumidores a 20\$00, 25\$00 etc.

O azeite é vendido como podem mas com certa acidez que pode variar de 7\$00 até 9\$00. Confesso que não compreí nenhum com a acidez a

9\$00. Mas ouço dizer que alguns fazem assim.

Certo produtor a quem no ano findo comprei um almu-de do precioso óleo da Oliveira, disse-me há dias, quando eu lhe perguntava se me podia vender mais algum, que o azeite agora está muito ácido e não servia para mim... Deus me perdoe se pequei suspeitando que a acidez principal estava nos escudos! Seja como for os porcos sofreram muito nos meses de Janeiro e Fevereiro...

Certo retalhista disse-me há dias que se vê atrapalhado pois já não tem onde deitar o óleo! É que vê-se obrigado a receber dos fornecedores tanto óleo como azeite e os fre-

## VAI CONTINUAR

## O BATUQUE NA ONU

Por Elísio Gonçalves

Os jornais anunciam que o programa do batuque continuará sobre Angola, Moçambique e Guiné. Muita e selecta assistência vai assistir à dança macabra dirigida pelos conhecidos «mestres» russos e americanos para enebriar o mundo que assiste de longe ao de pago sensacional da carnificina que tem enlutado milhares de famílias com a perda de elementos pacíficos e destruído o que tanto custou a erguer pelas nações civilizadas e civilizadoras.

Só se podem responsabilizar os chefes das duas grandes nações pelos aconteci-

mentos verificados. A negralhada componente do batuque toca e dança de acordo com as instruções que recebem dos déspotas enfurecidos na disputa de hegemonias. Nada os faz arrefecer ou retardar a marcha dos acontecimentos.

Portugal abriu as portas a todos para se desafrontar das calúnias mas a tal «carta» das Nações Unidas parece ser uma sentença Suprema que não pode suprimir o absurdo, o roubo e o assassinato.

Estamos a viver uma situação moral e material que exi-

(Continua na 5.ª página)

gueses não querem o óleo... Mas não haverá realmente azeite que chegue para os consumidores? Ou haverá produtores e intermediários que se fecham com o precioso líquido afim de provocarem a carestia? Este caso merece atenção e estudo de harmonia com os interesses dos produtores e consumidores e também dos intermediários legítimos.

### Açúcar

Há dias fui a certo comerciante comprar algumas coisas e ouvi ele dizer que não tinha açúcar amarelo. Tencionava comprar dois ou três quilos daquele produto e limitei-me a bastante menos para remediar. Discutindo o caso ouvi informar que o açúcar amarelo é racionado pelos comerciantes para ser vendido aos pobres; mas, afinal é comprado e consumido pelos ricos, porque estes, tendo mais possibilidades, compram mais por junto, enquanto os pobres o adquirem aos meios quilos, ou menos ainda. Assim acontece que quando os pobres vão comprar, na maior parte das vezes, já não há açúcar amarelo, e têm de comprar do destinado aos ricos... E ficamos sem vislumbrar os motivos destas anomalias. Realmente não compreendo porque é racionado o açúcar amarelo. Poderia este ser produzido em quantidade suficiente para todos e reduzida a produção do açúcar branco, ou então haver um tipo único para todos. Certamente estais a rir-vos de mim por me conhecerdes um leigo nestas coisas e pôr-me a falar-vos de tais nicas. Mas são nicas que não podemos dispensar, ainda que sejamos leigos, em questões comerciais!... E os mestres no assunto devem convencer-se de que os leigos às vezes também percebem qualquer coisa, principalmente quando há contradições ou a bolsa lhes arde.

### O mundo e o cinema

Pois é verdade! O Mundo é um cinema em estreia constante. Pode ser cómico ou dramático, mas é sempre um cinema em que todos nós somos actores e espectadores. Às vezes causa riso; outras vezes causa tristeza e até lágrimas, quando não nos ficamos pasmados a ver até onde chega a pouca vergonha, perdão! a nenhuma vergonha de certos animais civilizados. Sim, animais porque quando o homem não tem consciência do respeito que deve a si e aos outros, anda perto dos irracionais...

É tudo por hoje.

Vosso: J. Moreira

## PACIÊNCIA

Não gosta dos meus versos. Paciência!...  
Porém eu não os sei fazer melhor;  
Nascidos duma humilde inteligência  
Em verdade não têm nenhum valor.

Também assim m'ó diz a consciência:  
Que não pode rasteira agreste flor  
Derramar no ambiente a mesma essência  
Que a rosa espalha ao matutino alvor.

São pobres os meus versos, bem no sei...  
Mas amo-os mesmo assim porque os criei  
Ao som da lira que me deu Erato,

Uma das nove musas que me assiste  
Na compostura dum soneto triste  
Assim como este... sem nenhum ornato...

UERBA

Visado pela C. de Censura

Deseja trabalhos tipográficos  
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À  
A MODELAR

Telefone 62113

Amares



RELOJOARIA

MAUÁ

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA



# Flor desfolhada ENCONTRO EM AMARES

DE Gota d'Orvalho

Octávio agradece reconhecido a Jorge e promete ler a obra que lhe aconselhara. Mais tarde é ele quem diz a Jorge: muitas vezes tenho dito às minhas irmãs: se não fôra um amigo que no período crítico da minha adolescência me apareceu e uma obra que me emprestou, ou já havia sido reduzido a pó, ou seria o homem mais depravado do mundo! Graças a ti, Jorge; foste o minha salvação! Apenas quero, e como paga, a tua eterna amizade, Távio!—E não seria ingrato aquele que traisse esse sagrado Dever? Assim o creio, disse Jorge.

As amizades são novamente consolidadas, e eis que o Amor bate à porta do coração de Jorge, para fazer desenrolar ou desencadear tremendas tempestades sobre este jovem tão belo de corpo como da alma, que mais se assemelhara a um Anjo do que a um jovem do século. É bem certo que até aqui ele deixara que a corte lhe fôsse feita pelas damas das suas relações muitas vezes tendo nomôro sem ele próprio saber, casamentos falados desconhecendo a noiva.

Agora sim, Sentia que o amor nascia em si, pelo que pôe de parte pela primeira vez a esperança da sua entrada no Seminário a fim de se fazer sacerdote, como pretendeu e fôra atendido pelo Episcopal de Évora em 1952.

A vida apresentava-lhe agora outro floreado, um futuro risonho junto daquela que constituía o himineu de dois corações que viviam um para o outro sem deixarem de transparecer os raios da mesma graça que os irmanavam, dizendo de si para consigo: Não serei Padre, mas a Graça de Deus fará com que possa oferecer ao Senhor não Padre mas Padres, os filhinhos que Ele se digne colocar nesse Lar que há-de ser o meu Mundo, as minhas delícias, nesse Seminário de Amor e de carinho onde a Graça de Deus estabelecerá o seu doce reinado.

Dentre as damas do seu amor, uma figura como Astro Diamantino, e que seria «tudo para si», se não fôra a distância que os separa, o orgulho-ambição da família. Esse Anjo já o leitor o adivinhara e é, como não poderia deixar de ser, a sua Lulu.

Outros dois partidos apenas inferiores em ilustração, pois ao contrário de Lúcia, não haviam encetado a carreira do estudo. Destas duas, tinha Jorge a certeza não lhe ser difícil escolher esposa, pois que possuía toda a certeza de que as famílias faziam gosto, mas o amor puro busca o sofrimento, busca a adversidade! Visitava-as normalmente, e apenas aguardavam que Jorge se declarasse, pois que a elas não lhes era permitido. Jorge, por sua vez, reconhecia a situação em que se encontrava e fazia criar às duas meninas que alternadamente cortejava, (a novidade rem destas coisas), mas com vontade de se afastar de uma situação que o pudesse transportar ao ridículo. Por um lado, pensava: se me não declaro, suscito nelas o pensamento de que sou tacanho, que tenho vergonha. Porém, se me declaro, tenho um carácter formado e não quereei dizer hoje para desdizer amanhã; ficarei preso. E quem sabe?... A Lulu gosta de mim. Poderá a sua simpatia por mim converter-se um dia em amor?... Aqui está o meu acanhamento! Além, o receio de cair no ridículo por me não declarar. Aqui, o mesmo receio se me declaro. Situação horrível a minha! Jorge só queria decidir-se depois de lhe ser vedada a primeira porta, aquela em que residia a sua completa felicidade! o sim e o não, pensava, são duas palavras, com que a mesma simplicidade tudo resolvem. A Lulu não dirá a ninguém. Conheço bem o quanto é reservada e caridosa. Redige pois, no melhor do seu Português a mais sincera das suas declarações, colocando em completo avontade a sua pretendida, preparando-a mesmo que para o «não», que o fazia estremer, o qual receberia sem ofensa.

Jorge sabia respeitar as pretensões, e não quereia receber amor por esmola. Fecha o escrito, vai colocá-lo no correio, mas a mão tremia-lhe. Não, não a deito. E volta a recolher o manuscrito que parecia queimar-lhe a mão trémula de nervos.

No domingo seguinte, visita Julieta, uma das secundárias, e, como os encontros com esta eram sempre em conjunto com as suas amigas; Jorge não corria o risco de levar a conversa a ponto de se comprometer. Porém, o destino, tudo havia disposto neste sentido. Apenas Jorge chegara, todas as suas companheiras se afastam deixando a sós o par de quem já se dizia estarem noivos.

Os dois jovens, que conversaram durante muito tempo, haviam, na sua conversa, convergido para o sentido amoroso. O coração de Jorge batia aceleradamente, julgando de ofender Aquela a quem nunca se havia declarado, a sua Lulu, e arrependia-se de não haver lançado no correio o documento que... talvez o faria feliz! E agora?... perguntava-se a si mesmo! havia porém um recurso:

Continua.

**Telefone do serviço permanente dos Bombeiros V. de Amares 62162**

(Continuação da 1.ª página)

ram aderir ao espírito do movimento».

**O encontro tem-se vindo a transformar numa verdadeira resposta ao apelo do Episcopado**

Continuando a exposição aos representantes da imprensa, o Sr. Dr. João Salgueiro afirmou que as primeiras realizações do Grande Encontro tiveram lugar em Fátima e em Luanda, respectivamente em Agosto e Setembro do ano findo. E, depois de frisar que a concentração de Lisboa será em 20 e 21 de Abril, disse:

«Vale a pena salientar a ligação do movimento à Igreja. Se bem que a ideia tenha partido de um pequeno grupo de rapazes e raparigas de vários meios e idades, logo que, alguns meses mais tarde, foi exposta aos nossos Bispos encontrou a melhor compreensão e constante apoio. Designadamente em Fátima e Luanda tivemos a alegria da presença de vários membros do nosso Episcopado. De maneira particular gostaria de salientar o modo como o Senhor Cardeal Patriarca sempre nos tem dispensado o mais benevolente apoio em todos os trabalhos empreendidos, numa preocupação viva de ir ao encontro dos problemas e aspirações da nossa Juventude. E também o Senhor Bispo de Tiava tem acompanhado todas as nossas iniciativas com incansável atenção.

Podemos dizer mesmo que o Encontro se tem vindo a transformar numa verdadeira resposta ao apelo lançado pelo nosso Episcopado à Juventude Portuguesa, em Janeiro de 1962, para a mais activa participação na construção de um mundo melhor.

**Esperamos que o Encontro possa marcar um ponto de partida para um diálogo entre a Igreja e a Juventude**

A concluir a sua eloquente exposição o Presidente Nacional da Juventude Católica afirmou:

«Uma palavra gostaria de juntar acerca da boa compreensão com que temos deparado por parte das autoridades oficiais e acerca da grande receptividade encontrada na generalidade dos círculos particulares com que até agora temos contactado. Julgamos que na origem de tais atitudes estará a consciência de que não pode deixar de interessar à comunidade nacional a forma de pensar e de viver da massa dos jovens católicos portugueses, devido ao que todo o esforço para os habilitar ao melhor cumprimento do seu papel não poderá deixar de ser bem recebido pelos responsáveis da Nação e pelos seus concidadãos.

E finalmente um último apontamento para salientar que esperamos possa o Encontro de Lisboa marcar um ponto de partida para um diálogo mais duradouro entre os jovens

católicos e os jovens não católicos, e, portanto, entre a Igreja e a Juventude.

Ao testemunhar que os jovens católicos, como todos os jovens, estão conscientes das responsabilidades que lhes cabem na edificação de um Portugal melhor, salientamos a unidade básica que entre todos existe. E, ao mesmo tempo, esperamos contribuir para que a Juventude encare com olhos novos a Mensagem Cristã, perante o testemunho de milhares de jovens que se reúnem na certeza de que a escolha de Deus é a garantia da realização plena das suas vidas e da fecundidade do esforço de um mundo novo.»

**Respostas a algumas perguntas dos Jornalistas**

Terminada a leitura da comunicação o Sr. Dr. João Salgueiro dispôs-se a responder a quaisquer perguntas dos representantes dos órgãos de comunicação.

Eis algumas:

—Há alguma relação entre o Dia do Estudante e o grande Encontro da Juventude?

—As duas actividades desenvolvem-se em planos diferentes. O nosso objectivo é levar todos os jovens católicos a assumirem nos diversos domínios das suas vidas atitudes concordes com a escolha de Deus.

—Há quem admita ser o Grande Encontro da Juventude um meio de afastar os jovens portugueses dos actuais problemas nacionais. Pretende a Igreja, realmente, desviar a atenção da Juventude desses problemas?

—Pelo contrário, como referi, o Grande Encontro da Juventude propõe-se levar o jovem a estar presente nos problemas de hoje participando efectivamente na construção da comunidade nacional.

—A Mocidade Portuguesa toma parte na organização do Encontro?

—Para a organização do Encontro a Acção Católica venil convidou apenas momentos da Igreja. Não há lugar para que participe na organização do Grande Encontro o que não quer dizer que nele não tomem parte filiais da Mocidade Portuguesa da sua qualidade de católicos.

—Poderá o Encontro contribuir efectivamente para uma maior aproximação entre os jovens católicos e os não católicos?

—Julgamos que a afirmação de dezenas de milhares de jovens católicos que testemunham e participam perfeitamente conscientes da problemática do Mundo hoje e escolhem Deus para a sua mais plena realização pessoal a mais eficaz construção de um Mundo novo não pode deixar de influir na atitude dos jovens que não sendo católicos aspiram também a uma perfeição individual e social.

Por não haver mais perguntas a fazer, o Presidente da Sessão deu por terminada a conferência que tanto valor deu para a Juventude e para Portugal, de hoje e de amanhã.

## A mulher perante a vida

(Continuação da 2.ª página)

do verdadeiramente. É necessário que ela seja mais forte, mais apta para a luta pela felicidade, do que a irmã que casou com um colega de Liceu ou Faculdade, bom partido, filho de velhos amigos dos Pais. E que esteja pronta a fazer em silêncio, pequenos sacrifícios, consciência de que só assim conseguirá atingir uma meta — a felicidade do casamento.

Disse há pouco que o primeiro dos meus três exemplos é, de facto, um casal exemplar. Tal só foi possível por existir realmente, da parte dos dois, muito boa vontade. Quando casaram foram viver para longe dos Pais de ambos. Mobilaram uma casinha amorosa, e ela passou a ser apenas dona de casa. Nada faltava ao até aí pouco amado rapaz. A mãe, operária, não tinha tempo de o trazer tão bem arranjado nem de cozinhar os seus acepipes preferidos, como a mulher passou a fazer. Ele, por sua vez, agradecia-lhe esforçando-se por lhe proporcionar o bem estar a que estava habituada. E se, por vezes, tal não conseguia, ela animava-o: «que mal tem não me poderes comprar agora um vestido novo? tenho que chegue... e muito mais ainda,

porque te tenho a ti.

Quando iam visitar os pais dele à pobre casa de ilha em que viviam, ia vestida com simplicidade, quase sem pintura, e levava sempre uma fruta uns bolos, ou uma garrafa do vinho preferido do sogro. E se os pais lhe ofereciam ajuda, respondia invariavelmente: «tenho tudo o que preciso e ainda um bom marido». Toda a gente dizia que ela teve muita sorte, pois o marido tratava-a «nas palminhas» — e é verdade. Mas acreditam que tenha sido, apenas, obra da sorte? Não pensam, como eu, que essa mulher feliz comprou a sua felicidade com a inteligência, tacto, devoção e carinho que Deus lhe deu, mas que ela soube usar da maneira própria? Não foi, decerto, fácil, mas as grandes tarefas só podem ser realizadas pelas grandes almas.

Leitora, se o seu caso é um destes, se pensa casar com um rapaz socialmente inferior a si, pense bem se será capaz de proceder de maneira a que não tenha de vir arrepender-se. Porque só assim vale a pena. A vida pode ser muito bela mesmo em condições desfavoráveis — mas é preciso ter coragem e saber atingir o objectivo de difícil acesso em que a felicidade, frequentemente, se esconde.



# S. Paio de Seramil Entre uma anedota e uma palavra

(CONTINUAÇÃO)

e 200 rs. não cumprindo; e da mesma forma os demais oficiais que se lhe seguissem até à futura visita; que no seu ano o não cumprissem, vendo que os anteriores tiveram nisso omissão.

Determinava que os mesmos oficiais dentro desse tempo mandassem pôr vidros embatumados nas grades de ferro da fresta do coro e frontaria da igreja, afim de se evitarem os ventos e chuvas que por ela entravam, pena de 500 rs. Que também se fazia indispensável a obra dos taburnos, para o que já havia alguma madeira. Esperava que os fregueses os mandassem fazer até à visita seguinte, assim como o forro do coro, que haviam principiado e não concluído.

Chamou, finalmente, a atenção para as capitulações de 1797 no que se referia à substituição das pedras de ara dos altares de N. S.ra do Pilar e de S.to António, bem assim para a falta da galgueira e rebaixamento do entulho que tinha ficado no adro, da obra da torre, afim de evitarem que as águas das chuvas inundassem a igreja, com novas penalidades para o juiz do Subsino e oficiais da igreja, se não cumprissem.

\* \* \*

Uma circular com a data de 25 de Setembro de 1807, do arcebispo D. Jose da Costa Torres, transmitindo aviso da Secretaria de Estado para os párocos mandarem aos cartórios públicos os «livros findos» que se achassem por fora de 20 anos àquela data, sem ficarem isentos da mesma obrigação os párocos de qualquer das três ordens militares, ou de Malta (cujas freguesias fossem comendas dessas ordens).

Segue-se o teor de uma portaria do mesmo prelado, na qual faz sentir a importância do mesmo régio aviso, pela segurança em que deviam encontrarem-se os *livros findos* e a necessidade de se encontrarem nos cartórios para a obtenção por parte dos interessados nas certidões de baptismo, matrimónios, óbitos e testamentos.

Que se entendiam por *livros findos* os que estivessem a servir havia 20 anos, ainda que não acabados de escrever.

\* \* \*

Logo outra circular do mesmo arcebispo, com data de 31 de Maio de 1811, e por lhe constar que alguns dos párocos se não prestavam a apresentar *aos respectivos ministros*, para serem selados, os livros dos nascimentos, talvez por *assim o entenderem indevidamente*, a tal respeito observa que ao Estado Eclesiástico competia dar o exemplo de obediência às leis do Soberano. É assinada esta carta-circular pelo provisor e vigário geral, deão da Sé, D. Luis António Carlos Furtado de Mendonça.

E, a 22 de Julho de 1811, o mesmo visitador, João Cabral Soares de Albergaria, fidalgo-capelão de S. A. R. estava nesta freguesia, no exercício do seu cargo.

Na presença do mesmo abade José Álvares, clero e a maior parte dos fregueses, procedeu às cerimónias do costume.

Quanto a reparos, apenas o de que os «capítulos» deixados em acto de visita não podiam ser revogados nem executados por outra jurisdição fora da mesma visita; que os Rev. dos párocos, debaixo de pena de suspensão dessem conta ao Juízo dos Resíduos das pessoas obrigadas a prestar contas dos bens de almas, como das confrarias; como as obras do telhado da Igreja, não satisfeitas tinham de o ser até ao fim de setembro.

Vem depois o registo de duas portarias motivadas por avisos da Secretaria de Estado:—Na 1.ª o Doutor João José Vaz Pereira, reitor do Colégio do Seminário de S. Pedro, chanceler, coadjutor da Sé Primária, etc.—da parte do bispo de S. Paulo, vigário capitular do Arcebispado, *sede vacante*, fazia saber aos Rev. dos párocos que não permitissem licenças de casamento a mancebos que tivessem menos de 22 anos de idade, o que alguns faziam com o fim principal de se eximirem dos recrutamentos dos corpos de linha. Esta é de 30 de Março de 1824.

Na 2.ª, por ordem do mesmo bispo de S. Paulo, vigário capitular e arcebispo eleito, transmitindo régio aviso de que, atendendo aos felizes resultados que tiveram os esforços praticados pelas nações aliadas, combatendo pela segurança e independência dos direitos de S. A. R., era o o mesmo Senhor servido determinar que os moços que tivessem menos de 22 anos se lhes continuasse a das as licenças de casamento ficando de nenhum efeito o anterior aviso. Palácio do Governo, 2 de Maio de 1824. D. Miguel Pereira Forjaz—Braga 17 dos mesmos mês e ano.

(Continua no próximo número)

(Continuação da 1.ª página)

No dia do julgamento, a sala do tribunal estava cheia. Para mais, naquele tempo, havia ainda a organização dos jurados. Cumpridas todas as formalidades do acto, e formulada a acusação, chegou a vez ao advogado de defesa.

Houve silêncio de expectativa quando se levantou para falar o dr. Rama Curto. Ele fez uma vénia ao juiz e começou:

— Sr. Juiz, Srs. jurados, minhas senhoras e meus senhores...

Uma pausa, e logo a seguir:

— Sr. Juiz, Srs. jurados, minhas senhoras e meus senhores...

Outra pausa, e o dr. Rama Curto:

— Sr. Juiz, Srs. jurados, minhas senhoras e meus senhores...

Começou na sala um susurro de inquietação. Que era aquilo? O advogado não estava bom da cabeça? O juiz parecia de pedra, mas quem reparasse bem veria que lhe tinham subido ao rosto, habitualmente pálido, uns vermelhos de mau agouro.

Imperturbável, o dr. Rama Curto repetiu a vénia e voltou:

— Sr. Juiz, Srs. jurados, minhas senhoras e meus senhores...

Então o Juiz não se conteve:

— Se o sr. advogado de defesa não tenciona dizer mais nada...

Ramada Curto, com um

## VAI CONTINUAR O Batuque na ONU

(Continuação da 3.ª página)

ge de todos nós uma paciência de santo. Nada pode molestar mais a Pátria e os seus filhos do que assistir aos insultos da canalha embrionária sem respeito pelos valores paternos que transformaram uma sanzala num viveiro de almas capazes de reconhecerem que os ilimitados poderes de Deus transcendem os caprichos animalescos dos homens.

E tudo isto se há-de desmoronar. Todo este «lixo» que procura brilhar com o sangue das vítimas que provoca, há-de sujar, como já sujou, não as nações, mas os homens que o fatalismo colocou como dirigentes de um batuque carnavalesco que ofende a dignidade humana.

A Portugal assiste a força do direito e o direito à força. Temos que procurar reprimir a onda gigantesca com a força própria e alheia se as restantes nações civilizadas não quiserem sofrer as humilhações impostas pelos senhores do Mundo.

gesto largo a pedir respeitosamente para continuar tornou:

— Sr. Juiz, Srs. jurados, minhas senhoras e meus senhores...

Foi um rastilho. O susurro do público já se levantara em vozeria. Os jurados discutiam uns com os outros. O juiz, colérico, deu um murro na mesa e gritou:

— Se o Sr. advogado de defesa vem para aqui brincar com a dignidade de um tribunal, sou obrigado a expulsá-lo e a castigá-lo severamente!

Só então Ramada Curto sorriu. E explicou.

— Peço perdão, Sr. dr. Juiz. Eu queria apenas fazer o discurso mais convincente. Vejam V. Ex.as como bastou repetir as mesmas palavras, aliás respeitadas, mas cinco vezes, para todos se enervarem e provocar até a indignação de V. Ex.a. Agora comparem com o caso deste pobre sapateiro, a quem durante anos, todos os dias, a todas as horas, chicoteavam com a palavra de escarneo: — *Marreco! Marreco!* Que admira ele um dia ter-se enervado, indignado, perdido a cabeça e arremessado ao insultador com uma ferramenta do seu ofício?

Diz a anedota que o discurso foi, na verdade, convincente e o réu absolvido.

Ora bem: o sapateiro não gostava que estivessem sem-

pre com eles: — *Marreco! Marreco!* Gostaria de estar a ouvir constantemente: *Boa noite, Boa noite, Boa noite?*

A propósito de perguntas, alguém queria saber, há dias, se havia motivo especial para eu não dar um cheganço nas Flaúsinas e nos Bau-baus.

Um cheganço? Mas porquê um cheganço? Em todos os tempos houve modas, tanto para as senhoras como para os homens. Porque hei-de eu implicar com os penteados monumentais e com as meias pretas das raparigas de agora e não hei-de rir-me daqueles horrorosos vestidos de saco e daqueles espantosos chapéus, que pareciam capacetes, das senhoras de há quarenta anos? E porque não recordar as saias travadinhas de há mais de meio século e as botas até meio da perna, que as senhoras nesse tempo usavam?

E que direito temos nós de censurar os rapazes que usam barbas e peras de feitos variados, quando os nossos pais usavam bigodes, encardidos a cosmético, e peras também, contra a opinião dos nossos ovós, que preferiam as suíças respeitáveis e a barba à passa-piolho?

De resto, os penteados altos não são novidade nenhuma. Toda a gente se lembra do célebre soneto de Nicolau Tolentino, que o fez há quase duzentos anos, a propósito da moda de então, dos penteados muito altos:

*Chaves na mão, melena desgrenhada,  
Batendo o pé na casa, a mão ordena  
Que o fortado colchão, fôfo e de pena,  
A filha o ponha ali, ou a criada.*

*A filha, moça esbelta e operaltada,  
Lhe diz co'a doce voz que o ar serena:  
«Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena;  
Olhe não fique a casa arruinada...»*

*«Tu respondes assim? Tu zombas disto?  
Tu cuidas que por ter pai embarcado  
Já a mãe não tem mãos?» E, dizendo isto,*

*Arremete-lhe à cara e ao penteado;  
Eis senão quando (caso nunca visto!)  
Sai-lhe o colchão de dentro do toucado.*

Como se vê, as raparigas muito modernas, com trufas monumentais sustentadas a laca, são tão modernas, tão modernas, que já um poeta de há dois séculos se ria delas.

Creio que a novidade está só em chamar-lhes Flaúsinas. Não sei de onde virá este nome. O *Dicionário* de Moraes não o regista; nem o *Dicionário de Nomes Próprios* de Drumond; nem o *Dauzat*; nem o *Larousse*, nem a *Enciclopédia Britânica*, nem as 650 páginas do tratado sobre *Antroponímia Portuguesa*, de Leite de Vasconcelos. Atravô-me a supor, com um pouco de fantasia, seja a palavra aparentada com *flauta*, para lhe dar uma sugestão musical, e com *flosa*, que lhe empresta sabor depreciativo. *Felosa* ou *folosa* é o vacábu-

lo que indica não apenas a galinha magra e de má aparência, mas também mulher esganifrada e fraquinha. No fundo, esconde-se aqui a crueldade das mulheres solidamente instaladas em muitos quilos de peso, para as que têm a sorte de ser magras. E isto não é de agora. O Fernão Lopes já empregava a expressão *folosa*—que também se aplica, aliás, com inteira propriedade, a um passarito.

*Flausina*, portanto, poderá entender-se como um ser humano, do sexo feminino, com influências musicais da *flauta* e parentescos descarnados com *felosa*, ou *felosinha*. Se eu não estiver dentro da razão, agradeço que me ensinem. Bem haja quem o puder fazer—ANI.



# Tribuna Desportiva

## Benfica e Futebol C. do Porto

### São os candidatos ao título de Campeão Nacional

#### O Sporting foi arredado da competição por perder com o Futebol Clube do Porto por (1-0) em Alvalade

Terminou mais uma jornada, a décima oitava, do Campeonato Nacional de Futebol da primeira Divisão. Nela se apurou a equipa que ombreará com o Benfica na corrida para o título. E, tal como na jornada anterior o Benfica fora vencer ao Porto, contrariando as previsões gerais, o Futebol Clube do Porto conquistou agora dois pontos em Alvalade, contra um adversário a todos os títulos favorito — o Sporting.

Jogo muito emocional, com alguns lances de bom futebol, não constituindo, no entanto, grande espectáculo, o embate Futebol Clube do Porto-Sporting terminou com a vantagem de um golo, o único de toda a partida, por parte dos nortenhos. Marcou-o Serafim, aos 11 minutos do segundo tempo.

O encontro Cuf-Benfica realizou-se no Sábado, dia 2, visto o Benfica defrontar, na quarta-feira, dia 6, a equipa do Dukla de Praga para a Taça dos Campeões Europeus. Os encarnados venceram por 3-2, mantendo-se à frente da classificação.

Nos outros campos, os resultados foram os seguintes:

Leixões—Belenenses, 1-2; Atlético—Académica, 1-0; Guimarães—Barreirense, 5-0; Feirense—Lusitano, 1-2; Vitória de Setúbal—Olanense, 0-0;

A classificação geral, depois desta jornada, ficou ordenada como se segue:

	Pontos
Benfica,	32
Porto,	30
Sporting,	27
Lusitano,	21
Belenenses,	21
Leixões,	20
Guimarães,	18
Académica,	15
Setúbal,	15
Olanense,	14
CUF,	12
Barreirense,	12
Atlético,	10
Feirense,	5

Na segunda divisão registaram-se os seguintes resultados:

ZONA NORTE: Salgueiros—Beira Mar, 5-1; Varzim—Leça, 3-2; Vianense—Castelo Branco, 2-3; Académico de Viseu-Sporting de Braga, 1-1; Sporting da Covilhã—Marinhense, 2-1; Espinho—Sanjoanense, 2-0; Oliveirense—Boavista, 3-3.

Após esta jornada a classificação geral é a seguinte:

	Pontos
Varzim,	29
Beira Mar,	25
Oliveirense,	25
Covilhã,	24
Braga,	24
Leça,	18
Marinhense,	17
Espinho,	16
Castelo Branco,	14
Vianense,	13
Sanjoanense,	12
Académica de Viseu,	12
Boavista,	12
Salgueiros,	11

Na Zona Sul registaram-se resultados seguintes:

Cova da Piedade—Oriental, 3-0; Lusitano—Sacavenense, 1-3; Montijo—Portimonense, 2-1; Farense—Luso, 1-1; Alhandra—Seixal, 4-2; Peniche—Torreense, 2-0; Silves—Portalegrense, 3-1.

A classificação ordena-se da seguinte maneira:

	Pontos
Seixal,	26
Alhandra,	25
Cova da Piedade,	23
Sacavenense,	20
Torreense,	19
Farense,	19
Portimonense,	19
Montijo,	19
Luso,	19
Lusitano de Vila Real,	15
Oriental,	15
Peniche,	15
Portalegrense,	12
Silves,	6

#### O Sporting e Manuel Marques venceram o campeonato nacional de Corta-Mato

Manuel Marques em individual, e o Sporting, por equipas, foram os vencedores do Campeonato Nacional de Corta-Mato, realizado no total de sete voltas a um percurso de 1.700 metros.

Participaram na prova 57 corredores, representando quatro associações e dez clubes.

A classificação individual foi a seguinte:

Manuel Marques, do Sporting, 39 minutos e um segundo; Manuel de Oliveira, do Sporting, 40 m e 10. 6' Máximo Pinheiro, do Benfica, 40 12; e Joaquim Ferreira, do Sporting, 40 e 32, 6.

Por equipas:

Sporting, 20 pontos; Benfica, 40; Futebol Clube do Porto, 69; Salgueiros, 107; Santa Clara, 114; e Espinho, 115.

#### O Benfica venceu uma vez mais o Campeonato Regional de futebol de Juniores de Lisboa

Pela sexta vez consecutiva, em 13 presenças na «final», os juniores do Benfica conquistaram em futebol o título de campeões distritais de Lisboa, ao vencerem o Atlético, finalista deste ano, por 1-0. As equipas defrontaram-se no Estádio do Restelo.

#### Futebol na Madeira: Torneio de classificação para a Taça de Portugal

Nos jogos da primeira mão da primeira eliminatória do torneio de classificação para a Taça de Portugal, em futebol, o Sporting empatou a 3 bolas com o Nacional e o União venceu o Marítimo por 2-1.

Para a taça especial de reservas o Sporting e o União empataram a duas bolas e o Marítimo e o Nacional a zero.

#### Torneio de Futebol dos Açores

Ficou apurado como representante do Distrito de Ponta Delgada para o Torneio de Futebol dos Açores a equipa do União Micaelense, que bateu a do Santa Clara por 2-1.

#### Futebol nos Açores: Campeonato Distrital de Angra

Resultados dos últimos jogos disputados a contar para o campeonato distrital de Hangra do Heroísmo: Lusitânia—Angrense, 2-0; União—Vilanovense, 4-2; e Juventude—Praiense, 1-5.

O Lusitânia comanda a classificação geral com 6 pontos.

#### Guiné: Futebol Internacional

Seguiu para Bathurst a selecção de futebol da Guiné, que vai defrontar a selecção nacional da Gambia. Antes de partir, a selecção realizou um encontro de preparação contra um misto militar, que venceu por 3-1.

#### Natação: Recordes Regionais e de Categorias Batedores em Moçambique

Novo recorde nacional de natação de juniores, 100 metros bruços, foi estabelecido durante um torneio na piscina dos Velhos Colonos, por Eduardo Horta: 1 minuto e 22, 6 segundos. O mesmo nadador estabeleceu, também, novo recorde nacional de juniores dos 100 metros livres, em 1 minuto e 2,2 segundos.

Por sua vez na categoria de seniores, Carlos Otão melhorou o recorde regional dos 100 metros livres, para 1 minuto e 1,5 segundos.

## Parabéns ao Reverendíssimo

### Padre Armando Vaz

Quando em 30 de Agosto do ano findo este brioso sacerdote pisou pela primeira vez a terra da nossa Aldeia, nós vimos nele uma esperança do futuro efectivamente, não nos enganaram os seus inalterados, nem nos iludiu a sua aparência! O Reverendíssimo P.º Armando Vaz, chegou e convenceu, é na verdade aquele que nos disseram e o que nós idealizávamos; tanto no sacerdócio como ainda noutros assuntos do interesse público que não fazem parte das suas atribuições, mas que o seu espírito de boa vontade não deixa ficar indiferente, ele tem sido algo de valor!

Ficaram recentemente concluídas as obras no interior da nossa igreja, avaliamos os seus sacrifícios e o esforço dis-

pendido naquela casa de Deus de inormes dimensões, pelo Rev. Sacerdote.

—Quantas vezes o vimos nós impunhando um pincel no alto d'uma escada coberto de pó, avivando as cores que os anos detioraram no forro da nossa igreja! Manifestamos a nossa gratidão muito reconhecidos e endereçamos-lhe os nossos parabéns, que Deus conserve muitos anos entre nós na ocupação de novos cargos guiando os destinos da freguesia de Caniçada em todos os aspectos, para Deus e para o Mundo.

Creia que são os desejos de todos os Caniçadenses Senhor P.º Armando Vaz, há portanto que concretizá-los.

José Silva

## A PALESTINA E OS JUDEUS

Deus preparou o povo de Israel para uma missão única: a de ser a cabeça de um novo mundo onde a Sua grandeza, a Sua bondade a Sua Justiça reine para todo o sempre. Vem de milhares de anos a promessa de Deus feita à Palestina, a Israel.

Abraão, o grande profeta de Deus recebeu a incumbência de Deus para cumprir ali a sua importante missão. Veio depois Cristo, amorosamente, cumprir igualmente o mandato de Deus, do Criador. Abraão, tal como Cristo, cumpriram, com rigor, com justiça, com fé, os seus deveres. Infelizmente também com sacrifício que seria desnecessário se os homens de outrora, tal como os de hoje, não fossem tão maus.

Muitos permuntarão o porquê desta coisa que considerarão anomalia: Sendo Deus tão cheio de grandeza, de poder absoluto, de poder eterno, porque não impõe a sua vontade mesmo a ferro e fogo? A resposta é esta: Deus dá a oportunidade de cada um seguir o que lhe ditar a consciência. Claro que terá de pagar os seus crimes, os seus abusos, a sua miséria, por vezes bem repugnante mesmo aos olhos de outros mortais. O assassino, o desflorador de mulheres alheias, o ladrão, o levantador de falsos testemunhos, o ditador que impõe as suas ideias inconcebíveis a ferro e fogo e tantos outros estafermos, pagarão caro o seu atrevimento. Pagalo-ão também os que mataram e correram os judeus da sua terra, da terra da Promissão. Os jornais contam-nos, diariamente, as missões sinistras, diabólicas, terríveis, repugnantes dos perseguidores e dos assassinos de judeus. E que mal fizeram os judeus? Absolutamente nenhum. São inteligentes, são dinâmicos, tem pro-

pensão para o êxito. Isso crime para os vândalos e v de matá-los a torto e a direito Hitler e os seus sinistros (tão sinistros como esse ser diabólico que enlutou o mundo durante o seu triste reinado) ficou tristemente célebre, tal como os da sua laia, pela perseguição que deu aos judeus.

Porém o poder de Deus superior ao de todos os mortais juntos. E Deus preparou novamente a Terra Prometida para os judeus. A bíblia diz tal. Judeus de todas as partes do mundo abdicaram das suas posições, das suas riquezas, das suas amizades seguiram, como ainda estão seguir, para a terra da Promissão, para Israel. Em pouco mais de 10 anos os judeus fizeram de Israel um país que passou à frente de todos os demais, alguns com sábios sabões que não valem ao fim e ao cabo um pataco. Ben Burion, o chefe do governo de Israel, com cerca de 80 anos de idade, tanto se encontra no seu gabinete a atender os serviços de estado, ler a bíblia e a ver nela a palavra e ordem de Deus, como igualmente se pode encontrar no campo, em mangas de camisa, a plantar couves. É uma nova versão dos profetas de antanho. De todos os lados sobretudo dos países árabes há ataques de todos os géneros. Porém Israel, isto é a Palestina, não deixa de cumprir a sua missão. A sua importante missão.

Paulo Isaias

## «A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.